

O FENÔMENO LINGÜÍSTICO DO "APORTUGUESAMENTO"

DAS PALAVRAS INGLESAS

Jürgen Schmidt-Radefeldt, Kiel (R.F.A.)

(1) NOTA INTRODUTÓRIA

O meu tema localiza-se no âmbito de contactos entre línguas, no âmbito dos *languages in contact*. Pode-se constatar que sempre houve contactos entre línguas, mas fazendo-o, é preciso sublinhar que esses contactos pressupõem sempre contactos humanos, contactos entre falantes de duas (ou mais) línguas, contactos políticos, comerciais, culturais (na história).

Como se sabe, a língua portuguesa deixou, na sua história e na sua expansão mundial, vestígios linguísticos em muitas línguas, incluindo as línguas crioulas, fornecendo assim estruturas morfos sintácticas e lexemáticas a outros idiomas. Mas podemos observar também o fenómeno inverso: a língua portuguesa (de Portugal) foi buscar empréstimo ao árabe, ao francês, ao espanhol, ao inglês, etc., isto é, houve épocas na história da língua portuguesa em que ela recebeu mais que exportou, enquanto a língua portuguesa do Brasil manteve mais contactos com as línguas ameríndias (tupi, guarani), africanas (ioruba, quimbundo e kikongo) e com o anglo-americano da América do Norte. Mas é preciso sublinhar que foram só contactos pontuais, quer dizer, contactos que nunca influenciaram gravemente o sistema próprio da língua.

A esse respeito, estamos já em face de perspectivas diferentes: - os puristas falam de "alienação" da língua materna quando se nota a importação contínua e intensiva de palavras estrangeiras, quando esta quantidade de palavras constitui um fenómeno de divulgação ou difusão mais larga, quando o fenómeno se apresenta como *conflito possível* com as tradições ou instituições, com o património cultural de um país -

- outros, menos fervorosos, acham que estes fenômenos de influência recíproca entre línguas fazem parte genuína da natureza linguística, que sempre houve intercâmbio na história das línguas por causa de *necessidades de designar* coisas novas, de designar as novas modas ou tendências do estrangeiro que entram numa cultura ou numa língua - segundo a ideia de que cada cultura tem as suas épocas de expansão activa influenciando outras, e épocas de retracção nas quais é mais influenciada.

(2) DIGLOSSIA, BILINGUISMO E 'CODE-SWITCHING'

Do ponto de vista da linguística geral, podemos distinguir o seguinte aspecto de contacto linguístico: ou temos o caso da concorrência linguística de dois (ou mais) sistemas linguísticos (= línguas, dialectos) num indivíduo (neste caso falamos de *bilinguismo*), ou o de dois sistemas num só grupo social, num povo, numa nação (neste caso falamos de *diglossia*).

Quanto ao contacto das línguas inglesa e portuguesa, pode-se imaginar que fenômenos de bilinguismo se dão em círculos de imigrantes, p. ex. nos E.U. da América ou no Canadá, em famílias da primeira geração de imigrantes portugueses, vivendo em comunidades tais como San Pablo ou o Vale de San Joaquim, em cidades como Montreal, Toronto ou Vancouver. É nessas condições que podemos falar de *CODE-SWITCHING* que "acontece quando o informador muda de uma língua a outra sem ter a consciência do que ele está a fazer" (como escreve Costa 1977). O *code-switching* faz parte de outros tipos de *mixed speech*, que é definido como "a type of language patterning that draws upon the structures as well as the lexis of two languages and switches from one language to another regularly within the text, often a number of times within a single sentence. The fact that two grammars are involved means that this type of language patterning can be accessible only to fairly proficient bilinguals; in this respect it is sociolinguistically as well as linguistically different from language marked by heavy loaning, which may be used by bilinguals and monolinguals alike." (Ure 1972, 222).

Na linguagem dos emigrantes no Vale de San Joaquin, na Califórnia, podemos ouvir enunciações como as seguintes:

- O meu Toni está muito *spoiled*.
- Sim, posso nomear três cores: azul, *blue* e verde.
- Sim, eu fui à *grammar school*.
- Ela não podia com mais e fez o *give up*.
- Ele fez o *save* ao dinheiro e comprou um *machine* novo.
- É bom, mas eu faço o *maen* que tem outro gosto.
- *But, I bet it's good*.

Parece evidente que são elementos lexicais e expressões estereotipadas que servem como empréstimos antes de tudo. Mas quais podem ser as razões para um tal comportamento linguístico?

COSTA - de quem provêm os exemplos dados - enumera algumas, mas de qualidade muito diferente:

- a facilidade de comunicação e compreensão e a capacidade de falar numa língua ou noutra (i.é, uma competência bilingue)
- morar nos Estados Unidos (i.é, comunidade linguística integradora)
- a situação e o ambiente (i.é, conversas no grupo da minoria integrada)

Visto o fenómeno do exterior, são condições necessárias para que uma situação de comunicação se possa verificar entre bilingues - mas não explicam as razões ou motivações/motivos ou condições psicológicas dos falantes que falam "*PORTINGLÊS*". Nos exemplos apresentados acima, registam-se unicamente lexias inteiras tiradas do anglo-americano, integradas na frase/no enunciado português. Mas houve A-PORTUGUESAMENTO de palavras inglesas na frase portuguesa como empréstimo de tradução, de palavras integradas morfológicamente e, antes de tudo, a integração conceptual de palavras.

O fenómeno de "espicar portinglês" nota-se em toda a sua extensão (exagerado?) em frases tais como "*A cau jampou o fânei*", exemplo recolhido do jornal *A Luta* (22 de Maio, de 1946), e que em bom português seria: "A vaca saltou a estacada". Devem ser os luso-americanos de Nova Iorque e de "Ca-la-fo-na" que percebem uma tal frase. Neste caso temos já um fenómeno que ultrapassa o *code-switching*, por-

que se nota uma integração ou uma interpenetração entre elementos morfológicos da língua inglesa e portuguesa. Continuamos a atribuir a essa frase uma estrutura portuguesa ou vemos nela uma estrutura inglesa? Diz-se *saltar um rio*, *saltar uma linha*, enquanto na língua inglesa se diz *to jump over a fence*. A estrutura (profunda) portuguesa domina...

No âmbito do 'Code-switching' é muito difícil observar fenómenos de interferência que possam ser considerados como sistemáticos. O emprego de palavras depende do falante individual, da sua idade, do seu sexo, da sua pertença a um determinado grupo social, depende da situação de comunicação (i.é, do tipo dessa situação), depende do tema da conversação, depende do tipo do texto e de outros factores.

Mencionei o *code-switching* porque faz parte do APORTUGUESAMENTO LINGÜÍSTICO de expressões da língua inglesa entendido tanto como forma da língua quanto como forma de pensamento. A interferência dos bilingues (ou quasi-bilingues) pode ser de natureza fonético-fonológica, gramatical, lexical - segundo as unidades ou estruturas envolvidas. Mas, apesar de tudo, a situação ou o contexto situacional do fenómeno do *code-switching* permanece em todo o caso particular e decisivo.

(3) INTERFERÊNCIAS

Outro aspecto mais central da nossa pequena contribuição será a descrição dos *fenómenos de interferência* entre a língua portuguesa (como *base language*) e elementos suplementares da língua inglesa - e temos os anglicismos. O que me interessa antes de tudo é este *processo de integração* dos elementos estrangeiros, i.é, o *aportuguesamento* nas suas diferentes fases linguísticas e nos diferentes domínios da vida social. Proponho que entendamos por "aportuguesamento" os processos e os resultados intermédios e finais da integração, da adaptação de elementos linguísticos de línguas estrangeiras na língua portuguesa - em particular os anglicismos. Interessa-me por conseguinte, reconstruir alguns fenómenos da *dinâmica deste processo*, como se nota progressivamente na língua portuguesa de hoje.

Para este fim deve-se distinguir o processo de aportuguesamento de elementos estrangeiros na descrição linguística

- ao nível formal - isto é, da fonética, morfos-sintaxe, ortografia
- ao nível do significado, isto é, da semântica referencial e conceptual
- ao nível do uso linguístico (pragmático) e psíco-social.

É claro que este último aspecto necessitará de uma investigação pormenorizada no âmbito da sócio-linguística, de um conjunto de observações detalhadas, assim como de métodos variados de descrição e de análise. Fará parte do grande tema de intercâmbio cultural - (p. ex.: fazer bicha na paragem de um autocarro [inglês] seria um comportamento inglês importado através da França?).

Apresentamos o fenómeno do aportuguesamento observado em níveis diferentes da descrição linguística:

(3.1.) Ao nível fonético

Ao nível fonético, apresentam-se diferentes graus de realização fonética de palavras inglesas. Geralmente o empréstimo faz-se por meio de um falante que tem contacto com a língua inglesa, que tem alguns conhecimentos do inglês. Mas há muitos portugueses que não sabem - ou não sabem suficientemente bem - inglês, de maneira que a palavra estrangeira é fundamentalmente entendida por meio do ouvido. Hoje, quando a cultura da escrita apoia cada vez mais o uso, podem-se observar em cartazes publicitários nas ruas e nos jornais autênticas palavras inglesas.

Qual é então a pronúncia de palavras inglesas contendo elementos fonéticos alheios ao sistema português? Vou apresentar algumas particularidades desse *aportuguesamento fonético* recolhido e verificado num inquérito.

- (a) é preciso acrescentar a vogal / / ao final da palavra inglesa, porque a palavra portuguesa não termina numa consoante forte:

exemplos de palavras que terminam em oclusivas ou fricativas:

vampe	P +
críquete	T +
queque, grogue	K/G +
(e) snobe, clube	B +
recorde	D +
bife	F +
lanche, matche(e)	S +

(b) a fricativa /s/ em posição intervocálica, possível no inglês, torna-se sonora em português /s/ > /z/

baseball [baz()b ə]

(c) o morfema inglês -ing [-i], [In] adapta-se por meio de /g/ ou /k/:

camping, briefing, dancing, feeling, holding, jogging, leasing, marketing, meeting, planning, smoking, timing, body-building, dumping, doping, sight-seeing -

e também outras palavras terminando em -ng []:

por exemplo: *gang*, *ringue*, *ping-pong* [pi k-p k()]

(d) A mudança do acento é um fenômeno de aportuguesamento progressivo. Trata-se muitas vezes de palavras de origem latina e admitem, por conseguinte, um aportuguesamento fácil:

musi'cal, *industri'al*, *fi'nal*, *reci'tal* etc.

São aquisições recentes, essas palavras, mas há outras mais antigas, que também mostram o fenômeno de mudança de acento:

nailón <'naI|on, *sanduíche* <'sandwich, *recórde* <'record.

O aportuguesamento do acento nota-se actualmente em abundância em palavras de mais de uma sílaba:

Ko'daque, bul'dogue, kid'napping, best'seller, copy'right, cater'pillar, pe'nalty, base'ball, self-'service, week-'end, pop-'corn, check-'up, etc..

(3.2.) Ao nível morfo-sintático

Martins-Sequeira (1950) coligiu uma quantidade impressionante de estrangeirismos - tais como castelhanismos, italianismos, germanismos, arabismos, celtismos, hebraísmos, niponismos, exemplos do holandês e do russo -, mas os que estão representados em maior número são os galicismos e os anglicismos (Cp. o.c., pp. 95-117). Escreveu - em 1950 - que apenas para o francesismo era "possível formular regras especiais no aportuguesamento vocabular, visto só de vocábulos de origem francesa haver no uso comum palavras em número bastante para dedução das regras que o povo segue ao adoptar a palavra." (Martins-Sequeira 1950, 11). Devemos precisar que todo o aportuguesamento é parte *de facto* da estruturação básica da língua portuguesa: condiciona essencialmente a adaptação em todos os níveis da descrição linguística até à conceptualização de neologismos designando coisas desconhecidas ou apenas conhecidas. Já se pode notar que há certas regras de aportuguesamento quanto aos morfemas da língua portuguesa que servem como elementos estruturais básicos, como, por exemplo na morfologia do verbo, a terminação do infinitivo em *-ar*:

comput(ad)orizar	< to computerize
digitalizar	< to digitalize
implementar	< to implement
reciclar	< to recycle
chutar	< to shoot
dopar	< to dope
driblar	< to dribble
boicotar	< to boycott
lanchar	< to lunch

A adaptação desses verbos não parece causar problemas, já que o sistema da língua portuguesa apresenta meios morfológicos, e porque esses verbos designam conceitos de acções novas em contextos técnicos, desportivos ou outros.

(3.3.) Ao nível lexemático e conceitual

No domínio entre a morfologia e a lexicologia temos por exem-

plo as palavras de ordem compósita, um tipo morfológicamente típico nas línguas germânicas. Há muitos empréstimos no português actual (estrangeirismos ou "internacionalismos"), empregando às vezes o hífen para ligar os dois elementos (a lista seguinte é suplementar da publicada em Schmidt-Radefeldt 1986, 280; os exemplos foram recolhidos das Revistas *Viajar*, *Pesca e Navegação*, *Plateia* e outras, dos anos 1984 a 1986):

airbus	jet set
autopullman	kit-market
aviocar	keep fit
bar pub (ou) pub bar	make up
book-maker	mass-média
break-dance	music hall
car-wash	night club
Christmas-Kake	nonsense
clubhouse	nonstop
clubman	pace maker
disc-jockey	ping-pong
duty-free-shop	play boy
euro ticket	prime rate
Express mail	pushing ball
fair play	self control
feed back	sex appeal
folk music	shopping center
full-time	sight seeing tours
grill-room	snack bar
gulf stream	striptease
hi-fi	time sharing
industrial design	video clip
inter rail	video tape
jack-pot	
jazzband	

Parece absolutamente incerto quais dessas palavras ficarão para sempre na língua portuguesa - seja na forma de estrangeirismos, seja numa forma ou outra aportuguesada. Dependerá da necessidade de designação, da "moda", dos contextos de emprego, dos conhecimentos da língua

portuguesa entre o povo, do emprego que farão as diversas classes sociais, do desenvolvimento político e social, científico, técnico e cultural da comunidade linguística do país.

(4) Conclusão

Perguntamos então qual deveria ser, qual poderia ser a atitude a tomar frente a este fenómeno indubitavelmente crescente dos anglicismos na língua portuguesa no âmbito da técnica, do desporto, do marketing, dos bancos, nos mass-media, na política, na economia etc.

Martins-Sequeira (1950) já tomou, no seu estudo, uma posição moderada e realística, ainda que exija - em certos casos - uma decisão firme. Em França, como se sabe, o governo, apoiado pela Académie Française e por outras instituições que se ocupam da defesa da língua francesa, tomou medidas para impedir uma entrada e um uso incontrollados de termos anglo-americanos. A defesa da língua portuguesa, por seu lado, está prevista na própria Constituição. Isso quer dizer que está para ser discutido se Portugal deveria tomar medidas semelhantes - mas - pode antecipar-se - o certo é que uma tal campanha só poderia ser pontual: *O uso e o desenvolvimento de uma língua tem as suas "leis" próprias* que só com dificuldade se deixam influenciar por uma vontade planeada ou projectada. Com respeito a este problema, Martins-Sequeira (1950, 9) já escreveu: "Repelir o estrangeirismo não é expulsar vocábulos só porque nos chegaram de origem estrangeira, nem é sequer impedir a entrada de todo o vocábulo proveniente agora da língua estranha. Nada de facciosismos ou estreiteza de critérios. Assim como as pessoas de nacionalidades estrangeiras podem, verificadas certas condições, adquirir nacionalidade portuguesa, assim também podem as palavras, desde que sejam convenientes e se amoldem ao português, adquirir foros de vocábulos legítimos. O que tem de profligar-se - absoluta, inteira e ferrenhamente, como estigma intolerável - é a feição da língua alheia mantida ou imitada na fonologia, na flexão, e muito principalmente, na construção frásica."

Podemos seguir uma tal opinião, acho eu, que parece tolerante e aberta, mas que sublinha - sem defesa dogmática - a estrutura da língua portuguesa.

Nota final: Como já anunciei no meu artigo de 1986, estamos preparando um *Dicionário de Anglicismos e Germanismos* baseado no uso da língua portuguesa de hoje; colaboram, à distância, os professores Dr. Manuel Gomes da Torre (Univ. do Porto), Dr. João Almeida Flôr (Univ. de Lisboa) assim como a Dra. Patrícia A. Odber de Baubeta (Univ. de Birmingham). Coligem anglicismos também: Prof. Dr. J. G. Herculano de Carvalho (Univ. Livre de Lisboa), Dr. António C. Franco (Univ. do Porto) e outros. Cada entrada neste dicionário será apresentada da seguinte maneira: lema, categoria gramatical, palavra de origem estrangeira, data da primeira ocorrência e fonte bibliográfica, assim como a pronúncia [eventualmente], descrição da significação e inclusão num determinado âmbito [téc., desport.etc], exemplo contextualizado. Até ao fim do ano 1986 já tínhamos registado aprox. 1.6000 entradas de anglicismos e cerca de 120 entradas de germanismos. Entre outras coisas, parecem muito problemáticos aqueles anglicismos que ainda não atingiram certo grau de generalização e aceitação. Podia ser considerado um fim desse dicionário atribuir um aportuguesamento linguístico e lexicográfico aos estrangeirismos, numa atitude conservadora assim como progressiva.

B I B L I O G R A F I A

Costa, Robert (1977)

"Um estudo sobre a linguagem dos emigrantes no Vale de San Joaquim, Califórnia", in *Jornal Português*, San Pablo, Calif. 19 de Maio de 1977, p.5

Martins-Sequeira, F.J. (1950)

Rol de estrangeirismos, Lisboa

Schmidt-Radefeldt, Jürgen (1986)

"Anglicisms in Portuguese and Language Contact", in W. D. Bald/W. Viereck, eds., *English in Contact with other languages. Studies in honour of Broder Carstensen*, Budapest 1986, 265-285.

Ure, Jean (1972)

"Code-switching, and 'mixed speech' in the register Systems of developing languages", in Verdoodt, A., ed. *Proceedings of the 3rd Congress of the Association Internationale de Linguistique Appliquée in Copenhagen 1972*, Heidelberg 1972, 222-239.

